

RUA MARECHAL JOAO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES ANP/L 2413-1

Decreto nº 3417 de 05-05-1969

Decreto nº 3627 de 06-05-1970, Artigo 1º, Inciso I

Lei nº 3888 de 04-09-1970

Indicação nº 261 de 07-04-1969 de autoria do vereador Anatole

Brasil Noronha Sales

Processo nº 24.670 da Câmara Municipal de Campinas

Formada pela rua 31 da Vila Castelo Branco

Início na rua Monte Prano

Término na avenida Ibirapuera

Vila Castelo Branco

Obs.: A lei 3888/70 revogou o decreto nº 3417/69. A lei foi promulgada e os decretos assinados pelo Prefeito Municipal Dr. Orestes Quêzia.

MARECHAL JOAO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES

João Batista Mascarenhas de Moraes nasceu em São Gabriel, RS, a 13-11-1883 e faleceu no Rio de Janeiro, a 17-09-1968. Estudou na Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul e em seguida ingressou na Escola Militar, da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, de onde saiu em 1905 no posto de Alferes-aluno. Prosseguiu seus estudos em escolas militares, formando-se engenheiro militar e bacharel em Matemática e Ciências Físicas pela Escola do Realengo. Tomou parte nos trabalhos de demarcação das novas fronteiras entre o Brasil e a Bolívia, comandou a Escola Militar do Realengo e a 9a. Região Militar, em Mato Grosso. Em 1942, como comandante da 7a. Região Militar, sediada em Recife, organizou a maior concentração de tropas já efetuada no Brasil republicano, como preparação das forças militares brasileiras com vistas a II Guerra Mundial. Removido para o comando da 2a. Região Militar, de São Paulo, em dezembro de 1943 foi nomeado comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB). A 30-06-1944 as tropas brasileiras partiram para a Itália entrando no teatro de operações a 16-07. Teve atuação destacada na campanha da Itália havendo seus comandados chegado às vitórias de Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Collechio e Fornovo tendo sido alvo do respeito e admiração dos chefes militares aliados. De volta ao Brasil, em agosto de 1946 pediu sua transferência para a reserva e um mês depois a Assembléia Nacional Constituinte o promoveu a Marechal. Em 1947 publicou "A F.E.B. pelo seu Comandante" um historico das operações brasileiras na Italia. Recebeu inúmeras condecorações tanto do governo brasileiro como de diversas outras nações.



DECRETO N.º 3417 DE 5 DE MAIO DE 1969

Dá o nome de Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes a uma rua da cidade.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25 da Lei n.º 9842, de 19 de setembro de 1967. (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada "MARECHAL JOAO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES", a rua do Jardim Europa, que tem início da rua do Balão, formada pela Avenida A e termina no cruzamento da Rua 1, ramo A, com a Rua 1, ramo B.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 5 de maio de 1969.

2a) DR. ORESTES QUÉRCIA

Prefeito Municipal

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES

Secretário dos Negócios Jurídicos

DR. JOSÉ FRANCISCO BENTO HOMEM DE

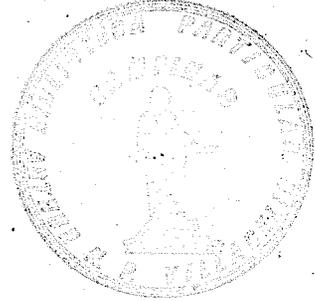
MELLO — Secretário de Obras e Serviços

Públicos

Publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito na data supra.

a) GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete



DECRETO N.º 3627, DE 6 DE MAIO DE 1.970
 Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 38 do Decreto-Lei Complementar n.º 9 de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

D E C R E T A.

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

- 1 — MARECHAL JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES — a Rua 31 da Vila Castelo Branco, com início na Rua 27 e término na confluência das Avenidas 1 e 2 do mesmo arruamento.
 2 — PISTOIA — a Rua 32 da Vila Castelo Branco, com início na Rua 27 e término na Avenida 2, do mesmo arruamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 6 de maio de 1970.

DR. ORESTES QUERCIA
 PREFEITO MUNICIPAL
 ENG.º JULIO CESAR FLENSO
 SECRETARIO DE OBRAS E SERV. PÚBLICOS
 DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
 SECRETARIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

Publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, na mesma data.

GERALDO CEZAR BASSOLI CESARE
 CHEFE DE GABINETE.



LEI N.º 3888, DE 4 DE SETEMBRO DE 1970

Revoga a denominação de Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes dada a uma rua do Jardim Eulina.

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica revogada a denominação de Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes dada a uma rua do Jardim Eulina, pelo Decreto Municipal n.º 3417, de 5 de maio de 1969.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 4 de setembro de 1970.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO DE CAMPINAS

Publicada no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE

AVENIDA MARECHAL JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES



Indicação nº 261/69

Processo nº 24.670.

CONSIDERANDO que o nome do grande brasileiro, MARECHAL JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES, deve ser perpetuado em uma via pública de nossa cidade;

CONSIDERANDO que esta seria mais uma forma de homenagem àquele que foi o valoroso COMANDANTE da Gloriosa "Força Expedicionária Brasileira", que representou o Brasil na 2a. Grande Guerra;

CONSIDERANDO queba data de 8 de maio é comemorada em todo o mundo, como o "Dia da Vitória", sendo de bom alvitre que a via pública tivesse a denominação solicitada, até esta data,

INDICAMOS ao Sr. Prefeito Municipal, determine as providências cabíveis, no sentido de ser designada uma via pública de Campinas, com o nome de "MARECHAL JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES".

Sala das Sessões, 7 de abril de 1969.

a) Anatale Brasil Noronha Sales

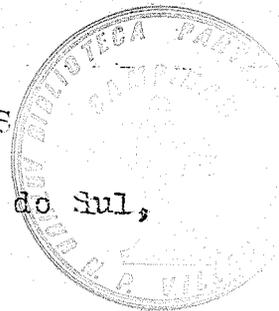
(Tornou-se o Decreto nº 3417 de 05-maio-1969.

Artº 1º - Fica denominada "MARECHAL JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, a rua do Jardim Eulina, que tem início na rua do Balão, formada pela Avenida A e termina no cruzamento da Rua 1, ramo A, com a Rua 1, ramo B.

a) pelo Prefeito Orestes Quêrcia.

Publicado no D.O.M. de 06-maio-1969.

GENERAL-DE-DIVISÃO JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES



Nascido em São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, em 13 de novembro de 1883.

Alferes-aluno em 23 de agosto de 1905.

Coronel em 17 de dezembro de 1931.

General-de-Brigada em 15 de novembro de 1937.

General-de-Divisão em 24 de maio de 1942.

Curso das Três Armas, Estado-Maior e Engenharia Militar, Aperfeiçoamento (classificação Muito Bem - 1º lugar) e Revisão de Estado-Maior (classificação Muito Bem - 3º lugar). Bacharel em Matemática e Ciências Físicas.

Entrada no Teatro de Operações da Itália em 16 de julho de 1944.

Funções exercidas durante a Segunda Guerra Mundial:

Comandante das 7a. e 2a. Regiões Militares, no Brasil;

Comandante da 1a Divisão de Infantaria Expedicionária e da Fôrça Expedicionária Brasileira, durante toda a Campanha da Itália.

Operações em que tomou parte:

Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Collechio e Fornovó.

Regresso ao Brasil: 6 de julho de 1945.

(Extraído de fls. 341 e 342 do livro "A F.E.B. pelo seu Comandante", de autoria do Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, 2a. Edição, Julho de 1960).

O marechal Mascarenhas de Moraes

Nasceu em São Gabriel (RS) - 13-11-1883

Faleceu no Rio de Janeiro - 17-09-1968

dentro do Exército, faleceu ontem em sua residência, na Guanabara, com 85 anos, o marechal estava acamado há vários dias. Como homem sempre foi conhecido como "o general taciturno", mas não deixou que o laconismo habitual impedisse que deixasse um grosso volume contando o que foi a Campanha da Itália: "A FEB pelo seu Comandante". O militar ficou famoso, já antes da guerra, pela sua capacidade de trabalho, amor à disciplina, grande cultura especializada. Foi um oficial que começou a se preparar para guerreiro ainda criança mas só travou sua primeira batalha aos 60. Foi um general famoso que só participou de eleições como eleitor.

João Batista Mascarenhas de Moraes, nasceu em 13 de novembro de 1883, em São Gabriel, Rio Grande do Sul, "uma cidade cheia de generais, cuja convivência só pode fazer ingressar no Exército". cursou Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, lá no Sul. Um de seus calouros chamava-se Getúlio Dorneles Vargas. Depois estudou na Escola Militar, da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, sede de diversos movimentos progressistas. Em 1907, era 2.º tenente, foi promovido três anos depois, em 1918, era capitão, major em 1923, tenente-coronel em 1928, coronel em 1931, general de brigada em 1937 e de divisão, em 1942.

Logo após o ataque dos japoneses a Pearl Harbour, como comandante da 7.ª Região Militar, sediada em Recife, organizou a maior concentração de tropas, já efetuada pelo Brasil republicano. A organização foi perfeita, o Nordeste continuou a viver como se não houvesse um soldado a mais em seu território e o alto-comando percebeu que contava com um oficial que cuidava pessoalmente até dos detalhes das operações importantes. Mais tarde, na Itália, o alto-comando aliado notaria que dois generais tinham o mesmo respeito minucioso: Mascarenhas e Montgomery. Quando se tratou de escolher o

comandante da FEB

o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, propôs o nome de Mascarenhas de Moraes, então comandante da 2.ª Região Militar, que englobava as guarnições sediadas em São Paulo e Mato Grosso. Os argumentos, baseados na sua atuação durante a concentração de tropas no Nordeste, a forma como preparou a população civil do litoral norte para a guerra, e os treinamentos que ministrou às tropas da 2.ª Região, preparando-as para a luta moderna, foram reforçados com a frase: "E' um dos melhores, mais cultos e eficientes técnicos militares e um dos mais completos comandantes que temos". Após um estágio nos Estados Unidos, junto com os generais de brigada Zenóbio da Costa e Alcyr Souto, seus subordinados, partiu para a Europa.

Os brasileiros lutaram no território europeu de 16 de junho de 1944 a 2 de maio de 1945 e nos 239 dias de atuação na frente de batalha efetuaram mais prisioneiros que qualquer outra divisão aliada no mesmo período. Segundo o comandante da FEB "A nossa participação militar na Campanha da Itália foi uma arrojada aventura para a qual não estavam preparados nem o povo, nem o governo do Brasil. Por isso, pode-se aferir o valor do apoio moral e material que a retaguarda nos prestou e o soldado bra-

sileiro, pôde adquirir fama de nada ficar a dever ao de outro país, como combatente individual".

Os chefes aliados aprenderam a respeitar e admirar o comandante brasileiro. Eisenhower, Alexander, Mark Clark, Truscott, Crittemberg, surpreenderam-se com a capacidade combativa do Exército brasileiro. Mas o marechal Mascarenhas de Moraes contou que só se sentiu à vontade diante dos superiores dia 21 de maio de 45, depois da vitória de Monte Castelo. "Antes, eu não tinha coragem nem de sorrir para o general Crittemberg, depois me senti em pé de igualdade com militares de qualquer nação, porque podia mostrar o que valia o soldado brasileiro". Mas o momento mais difícil para o marechal foi quando logo depois do desembarque teve que deixar de lado

o jeitinho brasileiro

que originou grande número de anedotas durante a campanha, para usar a disciplina dura. O general Crittemberg, comandante do IV Corpo do Exército, havia determinado que as tropas brasileiras ocupassem, imediatamente, um setor do fronte onde a luta era das mais cruentas, para substituir tropas americanas já esgotadas. Os oficiais coletivamente se apresentaram diante do marechal Mascarenhas de Moraes para solicitar adiamento no cumprimento da ordem. O comandante da FEB foi inflexível, a ordem foi cumprida, mas deixou uma tristeza que bem mais tarde, já reformado, ele iria recordar: "A vitória atinge todos, do soldado ao general. Mas os sacrifícios morais dos momentos difíceis da guerra, ferem mais o comandante".

Mas lembrava, sempre, que "Eramos, na FEB, uma pequena amostra do Brasil, cercada de gente estranha e pisando uma terra estranha. Eramos como uma família". E o "jeitinho" que todo brasileiro tem para resolver problemas difíceis também fazia parte da família. Logo após o desembarque, os soldados de outras nações aliadas, com consentimento dos comandantes, roubavam viaturas brasileiras, para que a comodidade nas suas unidades fosse maior. O comandante Mascarenhas de Moraes enviou uma reclamação ao alto comando e recebeu resposta aconselhando a instruir os soldados brasileiros para impedirem isso, porque era um fato comum na guerra. A FEB já havia perdido cerca de trinta viaturas, quando os oficiais transmitiram aos soldados a resposta dos chefes aliados. Ninguém contentou nada oficialmente. Mas a frota brasileira começou a recuperar rapidamente os veículos perdidos. Os trinta desaparecidos foram repostos e a frota começou a crescer, junto com a fama dos pracinhas de "soldados mais espertos do exercito aliado". O método utilizado, que nunca apareceu em nenhum relatório oficial, foi o da "requisição, sub-reptícia, sem autorização". Depois da guerra, com a volta à paz, surgiram os

problemas dolorosos

para o comandante que gostava de seus sol-

dados. No início foi a glória. Quando veio a redemocratização o marechal estava nos Estados Unidos, voltando de uma viagem que efetuara à Austria, a convite do general Mark Clark. A Assembléia Constituinte, ao redigir a Constituição de 48, deu-lhe o título de Marechal. Foi o primeiro oficial a recebê-lo em tempo de paz. O Rio Grande do Sul doou-lhe uma espada de ouro. Em 48 veio a reforma.

Despiu a farda e começou a passar os dias respondendo à volumosa e constante correspondência. A maioria eram cartas de pracinhas, solicitando alguns gramas de estreptomicina para curar doenças adquiridas no campo de batalha, soldados desmobilizados que não encontravam emprego, nem auxílio governamental. O velho marechal só podia sofrer com seus homens e responder a todos, na sua letra redonda e firme.

Do Rio Grande do Sul veio o convite para ser candidato ao Senado. Do Distrito Federal de então a solicitação para que se candidatasse à Câmara Federal. A resposta foi dada com o mesmo laconismo de sempre: "Só seu candidato ao repouso eterno". Era um militar que achava que a política devia ser deixada a civis. No final de 49, durante a campanha sucessória, confidenciava a Joel Silveira, que preferia um candidato civil e solicitava aos pracinhas que atendessem unicamente a sua consciência e votassem naquele que considerassem o melhor porque foi por isso que haviam lutado contra o fascismo e o nazismo. Sempre esteve

desligado da politica

porque "é verdadeiramente imprescindível que os chefes militares acompanhem a política nacional mas motivados apenas pelo espírito de vigilância, jamais levados por partidarismos, porque a um militar não compete fazer política". Explicava, nas poucas vezes que recebia reporteres que queriam saber de sua posição na luta sucessória que "o meu alheamento às especulações político-partidárias é um modo cívico de abrandar o espírito caudilhesco do Exército".

Antes da reforma em 48 e após ser reconvoado para o serviço ativo por decisão do Congresso Nacional, em 1951, nunca foi rude para impor a disciplina. Os que conviveram com o comandante, na Itália ou aqui, dizem que "ela brotava normalmente. Ele era calado, mas suave. Era tão duro consigo próprio que todos o obedeciam". Politicamente era parlamentarista. Numa carta ao deputado Raul Pila escrevia que "o parlamentarismo será o único meio indicado para evitar golpes armados ou revoluções políticas no Brasil, de caráter militar" e gostava de repetir que não concordava "com aqueles que afirmavam que o regime democrático no país está em perigo". Joel Silveira ouviu dele que o choque partidário e as controvérsias político-partidárias são da própria feição da democracia, que com elas não se altera, não se prejudica, não se enfraquece.